

QUANDO EU COMECEI A TRABALHAR TINHA APENAS A QUINTA SÉRIE...: PRÁTICAS DAS PROFESSORAS LEIGAS DAS ESCOLAS RURAIS (UBERLÂNDIA-MG, 1950-1969)

Sandra Cristina Fagundes de Lima (UFU/MG, Brasil)

O tema desta pesquisa refere-se às práticas de ensino das professoras leigas (sem formação no magistério e com poucos anos de escolarização) nas escolas primárias rurais do município de Uberlândia-MG (1950 – 1969). A questão que lhe é subjacente consiste na compreensão de como tais professoras, sem ter tido formação no curso de magistério (ou na escola normal), adquiriam os conhecimentos trabalhados nas aulas e quais metodologias e recursos de ensino utilizavam. Decorre daí que o nosso objetivo é perscrutar a relação existente entre a formação empírica das professoras e a escola rural, e para atingi-lo, além de realizar entrevistas com as professoras, consultamos: jornais, atas do legislativo e de reuniões escolares, livros de matrículas, fotografias, cadernos escolares e diários de classe. O recorte cronológico adotado incide sobre a necessidade de apreender a história do ensino rural em sua trajetória de consolidação até a sua transformação no final de 1960. Nos anos 1950 teve início no município a expansão do número de escolas rurais, conforme já comprovamos em outros trabalhos anteriormente realizados e a partir de 1969 outras transformações se iniciaram na escola primária, uma vez que a Lei 5692/71 passou a exigir o diploma de normalista para a docência no ensino primário. Os resultados aos quais chegamos possibilitam compreender que os professores enfrentavam vários problemas para o exercício da docência, tais como: baixa remuneração e constantes atrasos nos pagamentos dos salários; trabalho em classes multisseriadas; inexistência de meios de transporte e a formação insuficiente para tratar conteúdos e métodos, uma vez que a maioria não tinha formação no magistério, posto que cursou apenas o ensino primário, ou seja, era professora leiga. Não obstante, essas professoras recorriam aos poucos conteúdos que aprenderam no breve período de sua escolarização, apropriavam-se de saberes oriundos da cultura empírica e “inventavam táticas”, no sentido conferido por Certeau, para alfabetizar as crianças nas escolas rurais. Concluímos que a pesquisa sobre a história da escolarização no meio rural, sobretudo até o final dos anos 1960, subjaz a necessidade de se ir além das fontes normativas que regulamentaram o ensino primário, incluindo-se aí a formação docente. Isso se explica devido ao fato de que as limitações de orçamento e a conseqüente precariedade das escolas, somadas à insuficiente formação de suas professoras, tornaram o ensino rural tributário da inventividade de seus professores e da própria comunidade rural que se envolvia com o cotidiano da escola. Será, portanto, nas “táticas”, nos usos dos “consumidores criativos”, novamente Certeau, que se encontrarão muitas respostas para as perguntas acerca da história da escola em meio rural.

PALAVRAS-CHAVE: História da escolarização rural, professoras leigas, práticas de ensino, cultura empírica, táticas.